

Uma Igreja e dois Papas

13/02/2014

Maria Clara Bingemer

professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Era uma segunda-feira de Carnaval, oito horas da manhã e eu dormia em Petrópolis, Estado do Rio. Fui acordada pelo telefonema da jornalista que me pedia para falar sobre a renúncia do Papa. Ao perguntar "que papa?", ela viu que eu ignorava ainda a notícia e disse que telefonaria depois. Liguei a televisão e fui submergida em espanto: Bento XVI havia renunciado. E dia 11 de fevereiro fez um ano que isto aconteceu.

Imediatamente senti que aquilo era algo positivo, e que havia a mão de Deus por trás do gesto do Papa. As opiniões em volta não podiam ser mais contraditórias. Muitos se encontravam chocados. Nunca se havia visto tal coisa: um Papa renunciar. A insegurança se apoderava das pessoas. E o mundo, que até então ia progressivamente deixando de prestar atenção à muito antiga instituição chamada Igreja Católica, agora voltava atento seus olhos para Roma.

Depois disso foi o que se sabe e o que se viu. As semanas do Conclave e a Igreja Católica ocupava as manchetes da principal mídia todos os dias. Nunca menos de quatro páginas, podendo chegar a doze. Um desmentido rotundo à profecia de que a religião não interessa a mais ninguém, que perdeu seu papel na sociedade etc. E depois veio o - primeiro, suave e depois fortíssimo - "boom" Francisco, de cujos efeitos vivemos até hoje.

A figura do intelectual refinado Bento XVI, que ocupava o centro do mundo eclesial foi conhecendo um lento e suave "fading out". Conforme suas próprias declarações ao despedir-se de Roma e da Sé de Pedro, o Papa Bento faz agora, nesta fase final de sua vida, aquilo de que mais gosta: rezar e dedicar-se ao estudo da teologia e à música. Os que conhecem o estilo do Papa Emérito sabem da influência beneditina sobre sua espiritualidade. Na verdade, Bento XVI sempre foi um monge, e isso o aproxima de um seu antigo predecessor, o único Papa na história da Igreja Católica que renunciou ao mandato antes que este chegasse ao fim: Celestino V. Tinha tal nostalgia da vida monástica que não suportou o papado. Parece que isso aconteceu outra vez há um ano.

Levando vida monástica, Bento XVI vive retirado, não interfere no pontificado de Francisco, embora se diga que este o consulta repetidas vezes sobre muitos assuntos. Mas parece que efetivamente faz o que prometeu: dedicar-se à oração, ao estudo e à música. E no centro de suas preces certamente estão a Igreja e seu successor, Jorge Mario Bergoglio, primeiro papa latino-americano e jesuíta.

Enquanto isso, Francisco não para. Tanto que é difícil acompanhá-lo. A cada dia uma novidade, uma surpresa, uma ideia. E o mundo o segue encantado. Mudou a imagem da Igreja não em meses, mas em dias. E caminha para o primeiro aniversário de seu pontificado com a popularidade certamente em alta,

apesar de, evidentemente, contar com alguns opositores. Não chegam a atrapalhá-lo. O Papa que veio do fim do mundo é firme e resistente. E tem treino missionário dos bons, ótimos. É difícil abalá-lo e quebrar seu sorriso e sua energia.

E é providencial que assim aconteça: é muito o trabalho que tem pela frente. E todo esse imenso trabalho, tão necessário, indispensável mesmo, Bento XVI viu que não podia realizar. E em vez de aferrar-se ao cargo e continuar, teve a nobreza, a coragem, a imensa estatura espiritual de renunciar, afastar-se, deixar o espaço para outro. Raras vezes se viu tamanho gesto de desprendimento pessoal e amor à Igreja. E esta deverá sempre ser grata a este Papa, que sofreu tanto em seus poucos anos de pontificado e o terminou com um gesto tão belo e evangélico, abrindo um precedente que poderá aproximar muito mais a Igreja do sonho de Jesus e de Deus seu Pai: não ser lugar de poder, mas de serviço.

Hoje, o Papa Francisco pediu orações por seu antecessor. É evidente que todos nos animaremos a atendê-lo. Devemos a Bento XVI termos agora essa esperança da Igreja que sonhamos. E sonhar esse sonho amparados por dois irmãos, dois servidores, dois pastores, dois bispos de Roma que presidem as outras igrejas na caridade. É realmente uma enorme graça ter um papa agindo e outro orando, um papa trabalhando, viajando, e outro contemplando, um papa visível e o outro recolhido, acompanhando de longe mas tão perto.

No aniversário de sua renúncia, só podemos dizer obrigada. Que o Senhor culmine de bênçãos seus últimos anos e que possa ver os frutos de seu gesto de amor à Igreja de Cristo. Amém.